



contacto



Na aldeia da resistência

Cumprem-se esta semana oitenta anos sobre a Batalha das Ardenas, uma das mais sangrentas da II Guerra Mundial. E em Sassel, uma povoação no Norte do Luxemburgo, havia uma história esquecida para contar: de como povo se uniu para combater o nazismo.

*Raymond Damand,
78 anos, habitante de Sassel.*



Destaque



Nos caminhos de Sassel, a aldeia que resistiu aos nazis

Há uma pequena povoação no Norte do Luxemburgo onde povo se uniu para combater a ocupação alemã. Na precisa altura em que se celebram os 80 anos da Batalha das Ardenas, a derradeira e sangrenta contraofensiva de Hitler na Guerra, regressamos a Sassel.

Ricardo J. Rodrigues (texto) e Chris Karaba (fotos)



Destaque



Destaque

Dois ovos de ganso cozidos. Para a família de Raymond Damand, 78 anos, é essa a memória que sobrou da Batalha das Ardenas. “Eu só nasci depois da Guerra, em 1946, mas toda a vida ouvi a minha mãe e o meu tio falarem desse episódio”, conta agora o homem, diante do espaço onde tudo aconteceu. A 16 de dezembro de 1944, dia em que os alemães lançaram o último ataque à Frente Ocidental, os Damand tinham acolhido em casa dois soldados americanos que estavam feridos. “A ofensiva foi tão rápida que a minha avó só teve tempo de cozer dois ovos para os rapazes não irem de mãos vazias. Mas foi no limite. Quando os nazis entraram pela porta principal, eles fugiram pela granja. Mas, pronto, pelo menos sempre levaram qualquer coisa para comer”, vaticina.

Atrás de si está um enorme celeiro, que hoje está renovado e pintado de branco. “Foi aqui que eu nasci. E antes de mim, a minha mãe”,



Um grupo de fugitivos que passou por Sassel antes de fugir para a Bélgica em 1944.

conta. Na fachada, o ano da construção do edifício: 1871. Era ali que o avô de Raymond guardava o gado que depois andava a vender de terra em terra. “Nestes prados, pastavam as nossas ovelhas e vacas. Com a ocupação alemã, tudo se complicou, e a liberdade de movimentos, poder andar de terra em terra, tor-

naram-se atividades muito complicadas. A minha família conspirou sempre, de uma forma ou de outra, contra os nazis. E muita gente em Sassel fez o mesmo. Daqui partiram muitos rapazes que haveriam depois de integrar a resistência na Bélgica”, diz. “E também os que queriam fugir para não serem integrados

na Wehrmacht, o exército alemão.” Sassel é uma pequena povoação da comuna de Wincrange, no coração das Ardenas luxemburguesas. Aqui não vivem mais de 52 almas e o único local onde toda a gente se encontra é uma pequena capela dedicada a Santa Lucia, erguida no centro da povoação. Sobretudo no

verão, a aldeia é visitada por vários caminhantes que cumprem a pé o “Sentier des Passeurs”, um percurso pedestre criado em 2020 pelo Parque Natural do Our para assinalar os caminhos por onde o Luxemburgo se opôs ao nazismo. Nas placas que se descobrem no meio da floresta, Sassel é conhecida como “a aldeia da resistência”.

O “Sentier des Passeurs” é feito na verdade de dois caminhos – e ambos têm ponto de partida em Troisvierges. Um avança para Oeste em direção à Bélgica, o outro larga para Sul e visita Sassel. Em ambos os casos, cumprem trilhos discretos de floresta por onde fugia o país que não tolerava o nazismo. Na maior parte dos casos, jovens mancebos prestes a serem alistados. Entre 1942 e 1944, 12 mil rapazes luxemburgueses foram integrados à força nas tropas alemãs. A população do Grão-Ducado tentou resistir com greves e protestos, mas foi rapidamente reprimida. Quem quisesse fugir à Guerra, tinha de fugir do país. ▶



Numa povoação esquecida do norte do Luxemburgo percebe-se a coragem e a resistência à ocupação nazi.

EUROMILLIONS

EURO
DREAMS

LOTTO®

ZUBITO
0000

RUBBEL

High 5

LOTERIE
SPORT

PMU

Tentez votre CHANCE

13

VENDREDI

avec les jeux de
la LOTERIE NATIONALE

POUR QUE LE JEU RESTE UN JEU : FIXEZ VOS LIMITES !

www.loterie.lu
Games for good causes



LOTERIE
NATIONALE

Destaque

O convento de Cinqfontaines foi um centro de detenção de 300 judeus que daqui partiram para campos de morte alemães, como Auschwitz.

(Continuação da página 4)

Nesses tempos, as pequenas aldeias esquecidas do Norte tornaram-se nevrálgicas para a fuga. Nas paisagens mais arborizadas e montanhosas do país, era mais fácil passar discreto e chegar à Bélgica – que, apesar de estar também ocupada, tinha leis de alguma forma mais descontraídas. É preciso não esquecer que, ao contrário dos países vizinhos, o Grão-Ducado havia sido anexado e as autoridades alemãs consideravam o território parte do país. Só depois da grande Batalha nas Ardenas, no final de 1944 e início de 1945, se pode respirar de alívio.

Voltemos então aos caminhos do bosque para recuperar as memórias dos dias que ninguém devia esquecer. Raymond Damand, que nos servirá de guia numa boa parte desta viagem, acredita que recordar o passado não é apenas uma necessidade, é uma urgência. “Preocupa-me muito esta intolerância que vemos agora a crescer na Europa inteira. Eu não sei nada, sou apenas um velho que cresceu a ouvir histórias de família – e com isso aprendi o que a intolerância pode fazer. E nunca mais quero que ela regresse, aqui ou a nenhuma parte”, opina antes de se fazer ao caminho. Percorreremos os caminhos que salvaram centenas de pessoas, então, para que o esquecimento não crie raízes.

Pela estrada fora

Quando alguém se põe a pé posto a cumprir o “Sentier des Passeurs”, percebe de imediato que a saída de Troisvierges representava um perigo enorme. No início do percurso, os fugitivos tinham de cumprir caminho ao lado da Vennbahn, uma antiga ferrovia que hoje está transformada em ciclovia. Vem de Aachen, na Alemanha, até aqui, passando pela Bélgica. Nasceu como via de transporte de ferro e carvão. Foi na verdade por este traçado que a Europa construiu a guerra. E depois edificou a paz.

Se antes da II Guerra Mundial a via tinha administração belga, em 1940 a Alemanha assegurara a sua gestão – que se revelaria essencial no transporte de homens, armas e mantimentos que fortaleciam a Frente Ocidental. Naqueles 125 quilómetros de ferrovia viajava uma boa parte da força nazi e isso significava apenas uma coisa: a linha de caminho de ferro estava altamente guardada e vigiada. No entanto, era também por ali que muita gente tinha de fugir se quisesse chegar a bom porto. E bom porto, neste caso, era a Bélgica.



Havia outra rota que envolvia menos riscos, e essa passava por Sassel. “Havia dois luxemburgueses que tinham sido escolhidos pelos alemães para gerirem a aldeia. Eram informadores dos nazis, mas a verdade é que nunca abriram demasiado a boca”, conta Raymond

Damand. “Tanto que, no fim da Guerra, pediram desculpas publicamente a toda a gente, explicando que apenas o tinham feito porque era preciso alguém fazê-lo. E o povo perdoou-lhes, eles fecharam os olhos a quase tudo o que viram.”



Raymond Damand ouviu dos pais, e sobretudo do tio, o relato dos dias de aperto em Sassel.

Em várias casas da região houve gente que escondeu fugitivos. A mais conhecida de todas é uma quintarola ali perto, chamada Haanenahf. Entre março de 1943 e setembro de 1944, estiveram ali escondidos vários prisioneiros políticos que acabariam por integrar e ter um papel ativo na resistência. A casa ainda existe, apesar de ter sido completamente renovada. A atual proprietária, Denise Daubenfeld, explica as artimanhas do esconderijo.

“No sótão havia um alçapão que dava para um chão falso, e ali podia esconder-se uma pessoa ou duas”, diz ela. “Hoje já não existe, mas quando cheguei, antes das obras, vi-a com os meus olhos e sei que aqui ficaram bastantes pessoas”, conta. A dona da casa era uma viúva chamada Suzanne Diederich-Koener que arriscou a cabeça para proteger toda aquela gente em fuga. “A localização isolada da quinta ajudou muito”, explica Daubenfeld. “Se os alemães entrassem em Sassel, vinha alguém avisar da aldeia que eles não tardariam a chegar aqui, mas pelo menos dava tempo para entrarem no esconderijo.”

Ali ao lado está Cinqfontaines, um antigo convento de freiras que guarda uma história de arrepio. A 4 de março de 1941, a Gestapo expulsou daqui a comunidade para, em junho seguinte, transformar o edifício num centro de triagem dos judeus do Luxemburgo, antes de os deportar para os campos de extermínio de Theresienstadt, Litzmannstadt, Sobibor e Auschwitz. Mais de trezentos judeus passaram por aqui. Em 1944, quando chega-

ram às Ardenas, os americanos transformaram-no em hospital militar. Hoje, pertence ao governo e acolhe o Serviço Nacional da Juventude. É um ponto de paragem obrigatório para quem cumpre o “Sentier des Passeurs”. Daqui, no entanto, só duas mulheres conseguiram fugir. Passaram a noite num moinho de água ali ao lado, que nesses tempos era usado pela resistência como lugar de pernoita. Daí, conseguiram passar a fronteira e salvar-se.

Ao longo do percurso haverá sempre isto. Pequenos barracos e esconderijos no bosque que se revelaram essenciais para a organização da fuga. “O meu tio Nicolas Neuman foi um dos que organizou as fugas e, durante toda a vida, contou-me de aventuras incríveis”, conta Raymond Damand. “Às vezes parecia que fazia piadas sobre o assunto, mas depois os olhos enchiam-se de uma nuvem negra que metia medo. Os dias da Guerra foram terríveis aqui.”

Memórias do conflito

A fuga começava sempre às 23h, e isso era regra não escrita em Sassel. Numa placa à entrada da aldeia, lê-se como os passadores arriscavam a vida para levar os fugitivos a porto seguro – e estavam muitas vezes em contacto uns com os outros. Uma vez, levavam sozinhos um grupo até à fronteira belga. Ali, eram acolhidos num edifício isolado perto da fronteira que há muito desapareceu, a Casa Vermelha. Outras vezes, cumpriam a rota completa, o que triplicava os riscos. ▶

Promoção mágica da semana

**PICK
& MIX**



PROMO



**4 + 2
GRÁTIS**



**4 + 2 grátis em todos os
nossos vinhos portugueses**
Com a vossa aplicação Lidl Plus

O abuso de álcool prejudica a saúde



**Temos o que
conta para si.**

Enquanto durarem os stocks. Como os stocks por loja são limitados, alguns artigos podem esgotar-se prematuramente. As imagens são indicativas. Sujeitas a erros tipográficos. É.R. LIDL, 170a, Route de Soleuvre - 4670 Differdange.

Destaque

Um esconderijo num velho moinho ao lado de Cinqfontaines.

(Continuação da página 6)

Em Sassel operavam homens como Pierre Kergen ou Nicolas Neuman, o tio de Raymond. Em Asselborn estava Batty Mutsch e em Biwisch operava Aloyse Kremer. Este último acabaria por ser preso na Bélgica pelas autoridades nazis depois de passar um grupo de refratários pela linha de fronteira. Acabou por ser morto a 19 de janeiro de 1945, poucos dias antes dos alemães perderem oficialmente a Batalha das Ardenas. Há um monumento que evoca a sua memória na sua aldeia Natal.

O tio de Damand, Nicolas Neuman, ia sendo preso uma vez, mas escapou-se de boa. “O que ele contava é que, um dia, quando regressava da Bélgica depois de deixar um grupo na Casa Vermelha, foi interpelado por um polícia que o mandou parar.

Como ele vinha sozinho, o meu tio deu-lhe uma sova, deixou-o inconsciente. A seguir teve de passar uns tempos escondido, até os americanos chegarem”, lembra.

A cronologia da Guerra foi na verdade cruel para as aspirações de libertação luxemburguesa. Apesar do país ter sido oficialmente libertado pelos norte-americanos a 10 de setembro de 1944, com a entrada das tropas na capital, a Batalha das Ardenas faria com que esse estatuto fosse posto em causa no inverno do mesmo ano, por causa da contraofensiva alemã.

A ocupação do Grão-Ducado aconteceu a 9 de maio de 1940. Tanto a família real como o governo tiveram de fugir e operar a partir do exílio. Instalaram-se em Portugal, graças a um visto passado por Aristides de Sousa Mendes, côsul em Bordéus.



mycar.lu

**VENDA DE
FORMA GRATUITA
E FACILMENTE
COM O CHAT GPT**



Descarregue a aplicação e experimente, é grátis !



mycar.lu

o seu site para anúncio de
automóveis no Luxemburgo



Destaque



Nesta quinta estiveram escondidos vários políticos da resistência. Isolada, tinha um alçapão onde cabia uma ou duas pessoas.

Foi aí que a Grã-Duquesa Charlotte, avó de Henri, decidiu que o país resistiria oficialmente à Alemanha Nazi e integraria o lado dos Aliados – indo depois anunciar precisamente isso aos microfones da BBC. No pequeno país do centro da Europa, no entanto, as forças germânicas iam cimentando a sua posição.

A língua francesa foi proibida, e mesmo os nomes gauleses tiveram de ser germanizados. Em 1942, a Alemanha decidiu anexar o Grão-Ducado e torná-lo parte do seu território. Com isso, o serviço militar passou a ser obrigatório. É neste momento que se começam a formar os grandes movimentos de fuga. E que se começa a organizar alguma resistência mais visível. Uma greve geral nesse ano alimentou as esperanças de quem não queria os alemães por perto. Mas a repressão

foi imediata e todos os organizadores foram fuzilados. Entre eles, um lutador de boxe que tinha participado nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936: Ernst Toussaint.

Até 1944, o medo e o terror dominavam a vida no Luxemburgo. E assim foi até à chegada do Sexto Exército dos Estados Unidos a 10 de setembro desse ano. A partir desse dia, a capital do país não mais voltaria a ser ocupada. Mas, nas terras do norte, os dias de aperto ainda estavam longe do fim. Nas Ardenas, travar-se-ia a batalha que mais vidas americanas ceifou em todo o conflito. O ataque surpresa dos alemães, no entanto, não vingou. As marcas, essas, perduram. Em aldeias como Sassel, a coragem de um povo inteiro merece ser lembrada e celebrada. Aqui se resistiu à infâmia, à intolerância e à desumanidade.

E.Leclerc

DESCARREGUE O SEU E-LECLERC PARA CONSULTAR TODAS AS NOSSAS OFERTAS ESPECIAIS. Clique aqui para descarregar a aplicação e criar a sua conta



ATÉ 24 DE DEZEMBRO 2024

AQUI sabe que

COMPRA MAIS BARATO



9€_{,99} LE KG

LOMBO DE PORCO PARA ASSAR
Origem: Luxemburgo ou França.



7€_{,98} LE KG

DOURADA
A peça de 300 g aprox. Criada na Turquia e/ou na Grécia.

OFERTA VÁLIDA ATÉ 14 DE DEZEMBRO 2024



34%
avec la Carte*

SOBRE OS PRODUTOS DA GAMA LABEYRIE DISPONÍVEIS NA LOJABLINI - SALMÃO FUMADO - FOIE GRAS - PRESUNTOS E ENCHIDOS - AVES - PÃO DE GENGIBRE - MOLHOS - CONFITADOS - DOCES - TOSTAS**

OFERTA VÁLIDA ATÉ 24 DE DEZEMBRO 2024

ATÉ 15 DE DEZEMBRO 2024

Cupão E.Leclerc
10%
Com o cartão*

NO QUEIJO⁽¹⁾

VÁLIDO APENAS UMA VEZ NA PRIMEIRA PASSAGEM PELA CAIXA



-2€

23€_{,90}
21€_{,90}

DOP⁽³⁾ CHAMPANHE BRUTO "PIPER-HEIDSIECK"
75 cl.
O L : 29,20 €.



-10%

Poupe de 2,10 €

20€_{,99}
18€_{,89}

BLENDÉ SCOTCH WHISKY "CHIVAS"
Com caixa . 12 anos. 40% vol. 70 cl.
O L : 26,99 €.
Também disponível: 18 anos. a um preço diferente⁽²⁾.



* O cupão E.Leclerc incluído corresponde ao preço a que o produto seria vendido tendo em conta o montante do cupão E.Leclerc creditado no seu cartão de fidelidade e utilizável a partir do dia seguinte ao da sua obtenção para os titulares do cartão de fidelidade E.Leclerc. ** Oferta em "Cupão E. LECLERC" não é acumulável com produtos da mesma gama que beneficiem de outro "Cupão E. LECLERC" ou de outra promoção comercial. Limitada na primeira passagem em caixa, mediante apresentação do cartão E.Leclerc, e válida nas lojas E.Leclerc do Luxemburgo. Oferta válida para os queijos ao balcão ou em self-service. Mais informações nos pontos de venda (3) DOP: Denominação de Origem Protegida. O ABUSO DE ALCOOL É PERIGOSO EM TERMOS DE SAÚDE. CONSUMIR COM MODERAÇÃO.

Investigação Contacto. Caiu o Carmo e a Trindade no CASA

Afinal, a “Fundação Comendador José Ferreira Trindade – CASA” não é uma fundação e o seu presidente não é comendador. A poucos dias do Natal, mais de metade dos trabalhadores perderam o emprego. As acusações de irregularidade sucedem-se.

Henrique de Burgo

Os 17 funcionários a quem o Ministério do Trabalho ordenou o fim de contrato de Ocupação Temporária Indemnizada (OTI) com a associação CASA – Centro de Apoio Social e Associativo, na sequência de várias irregularidades detetadas, têm sido convocados pela Agência de Desenvolvimento do Emprego (ADEM), com a nota de se apresentarem com o seu CV atualizado.

A francesa Manuela Boggian, uma das pessoas que ficou sem trabalho, foi chamada na segunda-feira, mas saiu de lá desapontada. “A ADEM não nos deu nenhuma esperança sobre a nossa recolocação. Da minha parte, tinham em cima da mesa um dossier da ‘Caisse nationale d’assurance Pension’ e o Revis (rendimento de inclusão social). Propuseram-me ainda inscrever-se nas empresas de trabalho temporário, com a minha idade de 63 anos!”, disse ao Contacto.

O nosso jornal sabe que outros trabalhadores foram convocadas esta terça-feira e que saíram da ADEM também sem grandes esperanças.

Tal como os colegas, a trabalhadora francesa não recebeu nenhum pré-aviso da parte do Ministério do Trabalho, que ordenou o fim das OTI no CASA. “Apenas recebemos uma carta [da ADEM] em cima do joelho a dizer que o contrato terminou. Depois, numa reunião, disseram-nos que estamos no fim do direito ao fundo de desemprego (‘chômage’) e que ficámos sem acesso a qualquer

outro apoio da ADEM. De um dia para o outro cortaram-nos tudo e deixaram-nos ao abandono”, lamenta.

Agora, diz que vai ter de fazer pela vida, junto com o marido, que está desempregado – após o casal ter fechado a sua empresa na altura da pandemia. Mesmo assim, reconhece que “há colegas que estão em situação pior”, ironizando que “foi muito simpático” terem ficado sem trabalho e sem ‘chômage’ antes do Natal.

A cerca de três meses de completar 45 anos de existência, o CASA perdeu 18 dos 34 funcionários. A associação, com sede no nº 15 da Montée de Clausen, na capital, foi fundada em 31 de março de 1980. Estes trabalhadores auferiam de um contrato de ‘Ocupação Temporária Indemnizada’ (OTI), pagos a 100 por cento pela ADEM.

Agora, há mais cinco funcionários com contrato de ‘Trabalho de Utilidade Coletiva’ (TUC) em risco de perder o emprego. Em causa estão “irregularidades, nomeadamente na gestão dos dias de folga, das horas de presença”, disse ao Contacto Julie Ransquin, do serviço de comunicação da ADEM.

O Ministério da Família vai deixar de trabalhar com o CASA. Yan Sales, conselheiro e assessor de imprensa do Ministério, disse que a sua equipa está a par das irregularidades e considera que a associação “não permite uma colaboração eficaz e uma via de integração adequada para as pessoas em questão”. Quanto aos cinco funcionários, explica que “serão contratados diretamente pelo CASA ou serão colocados no prazo de três meses noutras

organizações parceiras do Gabinete Nacional de Inclusão Social”.

Sem emprego e sem ‘chômage’

Sabrina, que escolheu um nome fictício por temer represálias do CASA, espera ainda por uma resposta das autoridades sobre o seu futuro. A portuguesa vive com duas filhas em casa e, quando questionada sobre a decisão das autoridades, com o Natal à porta, diz que a vida vai ficar mais complicada. “É difícil, é difícil. Foram três anos de trabalho e não ver uma palavra, um agradecimento, é complicado. Deitaram-nos fora, completamente”.

A portuguesa pede agora justiça pela forma como ela e os colegas ficaram sem trabalho. “Toda a gente merecia ter sido informada sobre o que se estava a passar e ter a oportunidade de ter feito alguma coisa durante o tempo que seria necessário. Não é chegar ao último dia e sermos avisados assim: ‘amanhã já não é preciso vires trabalhar porque acabou o teu contrato’. Merecemos um bocadinho de respeito, porque acho que toda a gente que lá trabalhou fez muito por aquela associação, trabalhou muito para ele [José Trindade]. E quem nos pagava era o Estado, portanto, acho que havia de ser feita justiça”.

Na reta final do ‘chômage’ e devido às irregularidades, a ADEM, que até agora pagava o salário destas pessoas, não dá garantias sobre o seu futuro e garante que estas pessoas não estão cobertas pelas disposições legais sobre os contratos de trabalho. Manuela Boggian confirmou isso numa carta da ADEM, ►



Destaque



*José Trindade,
presidente do Casa,
fotografado pelo Contacto
em 2012.*

Foto: DR

Destaque

(Continuação da página 11)

recebida no dia 6 de dezembro, dando conta de que os trabalhadores “foram empregados pelo CASA no quadro de uma OTI e não através de um contrato de trabalho”. Por essa razão, o centro de emprego conclui na carta que “as disposições legais sobre os contratos de trabalho não se aplicam às OTI, que podem ser interrompidas a qualquer momento”.

Trindade não tem dinheiro

Face às irregularidades detetadas, José Trindade aceitou a imposição de transformar os contratos OTI (os tais que são pagos 100% pela ADEM) pelos contratos de desempregados de longa duração – EMI. Mas apenas para metade dos trabalhadores.

Em declarações ao Contacto, o presidente da associação diz que não tem verba suficiente para pagar a toda a gente e que optou por ficar com aqueles que tem capacidade de pagar.

Sobre o trabalho que tem pela frente, assume que será mais complicado com apenas 17 dos anteriores 34 funcionários OTI. “Com menos pessoas, a capacidade vai ser muito limitada e é preciso trabalhar muito”. Esta versão é, no entanto, contrariada pelos trabalhadores.

De férias em vez do trabalho

Manuela Boggian entrou no CASA no dia 14 de abril de 2022 como escriturária. No início, disse parecer estar tudo bem, mas logo começou a reparar que “havia demasiadas pessoas no local” e que “passavam boa parte do tempo sem fazer nada, a ler coisas no computador. Cheguei mesmo a pensar ‘que trabalho é este?’”.

Matilde, outra portuguesa que escolheu um nome fictício por temer represálias do CASA, trabalhava também na secretaria e conhecia bem o funcionamento interno. Diz que a associação não precisava de ter tanta gente porque não tinha assim tanto trabalho. Do que presenciou e terá contado aos inspetores da ITM, “havia pessoas que ficavam de férias em Portugal” e outras que, estando por cá, “não apareciam no trabalho”.

José Trindade assume os erros e justifica que “foi por boa vontade e para ajudar as pessoas”. Os contratos OTI estipulam que os dois dias de férias mensais devem ser gozados a cada mês, mas o presidente do CASA diz que “tinha de ser flexível com estas pessoas”. Por isso mesmo, permitia a acumulação de férias.

Contratos renovados após ordem de cessação

Mas há uma questão que se impõe. Como é que a ADEM renovou alguns contratos com o CASA depois de o Ministério do Trabalho ter dado ordens em sentido contrário a 18 de novembro? Como constatámos nas cartas recebidas pelos trabalhadores, a ordem imposta ao CASA era de transformar todos os 34 contratos OTI, pagos pelo fundo de desemprego, em contratos EMI, para desempregados de longa duração. Nesta mudança de modalidade, José Trindade teria de pagar os três primeiros meses de salário a todos, sendo reembolsado ao final dos três meses.

Julie Ransquin, da ADEM, descarta responsabilidades e diz que foi o compromisso possível “para não penalizar as pessoas em causa” e para “poderem beneficiar de um contrato de trabalho correto”.

Os contratos EMI com os funcionários que ficaram no CASA começaram no dia 1 de dezembro, mas entre 18 e 30 de novembro a ADEM prolongou-os “para permitir a preparação e a assinatura dos contratos permanentes”, assegura Julie Ransquin.

Outra eventual irregularidade apontada pelos trabalhadores é a renovação dos contratos OTI, pagos pela ADEM. Segundo o site deste organismo público, “o OTI é concedido por um período máximo de 6 meses, incluindo as renovações. Mas para os candidatos a emprego com mais de 50 anos que tenham chegado ao fim do seu período de indemnização, a direção da ADEM pode prorrogá-lo por 12 meses”.

Entre os trabalhadores há vários que estão no CASA há mais tempo do que o estabelecido. O Contacto sabe que alguns estão há dois, três ou quatro anos, como é o caso de Manuela Boggian. Questionada sobre se os contratos podem ser renovados duas ou três vezes, a conselheira de direção da Câmara dos Assalariados, Johana Soares Lapeira, reforça que o Código de Trabalho prevê um “limite máximo de até 18 meses”, mediante autorização do diretor da ADEM.

Fundação? Associação? O que é o CASA?

A primeira ambiguidade relacionada com o nome da associação CASA refere-se à palavra fundação. Uma fundação precisa de ter um capital mínimo para levar a cabo os seus objetivos de carácter social, enquanto uma associação não precisa desses fundos prévios para existir.

O que as fundações conseguem fazer é assinar contratos com a



ADEM para receber vários funcionários de graça. Segundo o site da ADEM, os contratos OTI só podem ser celebrados com “o Estado, as comunas, os sindicatos comunais, os estabelecimentos públicos e as fundações, bem como as empresas do setor privado afetadas por um plano de manutensão do emprego”. Ou seja, as associações sem fins lucrativos (asbl, na sigla em francês) não aparecem na lista de beneficiários.

No site do Registo de Comércio e Sociedades, o CASA aparece, efetivamente, como uma asbl, com o código de registo F3303.

No Luxemburgo, e segundo fonte do Ministério da Justiça, “até recentemente a lei não era clara sobre a nomenclatura das associações”. O CASA não é por isso a única asbl no Grão-Ducado a usar o nome “Fondation”. A 7 de agosto de 2023, foi aprovada uma nova lei que obriga as organizações que usam indevidamente o nome de fundação a corrigi-lo. Têm um prazo de dois anos para se adaptar ao novo texto, ou seja, até meados de 2025.

Uma coisa parece certa: o CASA não é juridicamente uma fundação. Johana Soares Lapeira, da Câmara dos Assalariados, justifica-se com o Código Laboral. Para ter esse direito, o CASA teria, por exemplo, de ser reconhecido como uma entidade de utilidade pública, o que não se verifica.

“Por conseguinte, consideramos que, em princípio, um contrato OTI não pode ser assinado entre a ADEM e uma associação sem fins lucrativos”, diz Johana Soares Lapeira.

É “oficial” e não “comendador”

Apesar da suposta fundação o apontar como comendador, José Trinda-

de não auferiu de facto desse título. Na página oficial de internet das Ordens Honoríficas Portuguesas, constatámos que o presidente do CASA foi agraciado com a medalha de “Ordem de Mérito”, com o grau de “Oficial” (abaixo do grau de “Comendador”), com data do dia 6 de agosto de 1996, pelo antigo Presidente da República de Portugal, Jorge Sampaio.

O Palácio de Belém confirmou esse mesmo título ao Contacto, mas admitiu que o nome de comendador pudesse vir de uma nomeação de outro país. E facto é que José Trindade recebeu uma segunda medalha de “Ordem de Mérito” no Luxemburgo. Foi entregue pela então ministra da Família, Marie-Josée Jacobs, durante a Festa Nacional, em junho de 2010.

Mas também não foi agraciado com o título de Commandeur – nome como se identifica na fundação, antes com uma Médaille en Vermeil, um título menos importante. Confrontado pelo Contacto sobre qual o seu verdadeiro título recebido, José Trindade não quis responder, dizendo apenas: “Chamem-me o que quiserem, chamem-me o que quiserem”.

ADEM tratou CASA como fundação e não podia

Questionada porque é que a ADEM assinou os contratos com uma asbl quando não o podia fazer, Julie Ransquin responde: “O CASA Asbl sempre foi considerada como uma organização sem fins lucrativos que serve uma causa de interesse geral” e que, dado o seu nome oficial ter essa palavra, “pode ter sido injustamente comparado a uma Fundação”.

A porta-voz do centro de desemprego acrescenta ainda que “o CASA não enganou expressamente a ADEM ao afirmar que era uma Fundação”. Todavia, em todos os contratos e renovações a que tivemos acesso, o nome da associação que figurava era sempre “Fondation : Commandeur José Ferreira Trindade – Ce”.

O resto do nome nunca aparecia, mesmo havendo espaço para se escrever o nome completo. Entretanto, noutros casos, em documentos de troca de correspondência entre trabalhadores e a ADEM, a identificação da asbl já aparecia de forma aberta.

Julie Ransquin escusou-se a comentar se estas irregularidades não envolveram necessariamente funcionários da ADEM. E garantiu que a diretora do organismo, Isabelle Schlessler, “tem conhecimento das irregularidades cometidas pelo CASA asbl e acompanha de perto a evolução deste caso”.

Concluindo, acrescenta que, “dado que as irregularidades observadas são exclusivamente imputáveis ao CASA asbl, é evidente que não são suscetíveis de ter consequências para o pessoal da ADEM”. A Inspeção do Trabalho e Minas (ITM), que inspecionou o CASA, disse ao Contacto que não tem competência para comentar o que acontece em casos de irregularidades como estas.

ITM manda limpar armazém

Além das irregularidades na gestão de contratos e férias, a ITM e a Administração Luxemburguesa Veterinária e Animal (ALVA) estiveram no armazém do CASA, no bairro de Eich, na capital. Segundo relato dos



A associação CASA, em Clausen.

Foto: Anouk Antony

funcionários, as autoridades detetaram incumprimento das normas de higiene e segurança no local, ordenando limpar o espaço, que armazena comida e outros bens da associação.

José Trindade diz que o local está a funcionar novamente, sem permissão de cozinhar. “Ali não se pode cozinhar, mas sei que houve uma exceção. Alguém fez lá uma sopa de caldo verde e a ITM deu conta disso. Eu não autorizei nada e sempre disse que ali não se pode cozinhar. Sobre os almoços, não se faz lá nada. Os trabalhadores têm direito de trazer a sua comida e aquecer”.

Um chorrilho de acusações

Outra das queixas dos trabalhadores são os cursos de informática e de línguas, que alegadamente serão “virtuais”. Miguel Carvalho dá a cara e conta a sua experiência. Em 2017 estava na ADEM, depois de ter fechado a sua empresa. Nessa altura foi enviado para o CASA, para dar cursos noturnos de informática. Diz que a maior parte dos alunos eram os próprios trabalhadores do CASA. “Eram cursos virtuais, que davam dinheiro à associação”, diz.

Confrontado com estes relatos, José Trindade diz que “é mentira” e que, se as pessoas assinaram e receberam um certificado, é porque não eram cursos falsos. Miguel Carvalho contesta, alegando que a lista de presença era assina-

da por alunos que não apareciam nas aulas.

Fazendo as contas, o imigrante português diz que o CASA pedia 80 euros à hora ao Ministério de Educação do Luxemburgo e recebia para os mesmos cursos ainda cerca de 50 euros de Lisboa (Instituto de Emprego e Formação Profissional). Entre dinheiros portugueses e luxemburgueses, o CASA “ganhava cerca de 130 euros por hora, mas eu, que era o formador, só recebia o salário mínimo: 10 ou 12 euros à hora”.

Questionado pelo Contacto sobre o valor que pagava ao formador, José Trindade responde: “Não posso dizer. Mas também não devo nada a ninguém”, garantido que recebe financiamento de Portugal ao abrigo de uma convenção “para a formação e a integração da comunidade”, no Luxemburgo.

Quanto às visitas guiadas na capital para pessoas com mais de 50 anos, há também relatos de que eram “virtuais”, com funcionários do CASA a aparecerem nas imagens dando a ideia de que eram visitantes, para servir de prova aos financiadores. Mas José Trindade volta a negar. “Organizamos passeios, sim. Agora, se alguém participou nessas visitas para dizer mal do CASA, não sei”.

O professor de informática, tal como outros funcionários que pediram anonimato, acusaram José Trindade de trabalho excessivo nos mercados onde a associação participava. Dizem que eram obrigados a trabalhar horas seguidas sem compensação e com escassas folgas nos dias de festa que o CASA organizava. O presidente, no entanto, nega essas acusações.

Estamos prontos para o seu fim de ano.



Zona de frescos

Paiva
queijo curado
740 g
€ 11,99 (€ 23,98/kg)



Smart Dog
«Pingo's Edition»
Portugal celebra
party-box 3 L
€ 14,25 (€ 4,75/L)

Combine
à sua escolha

-15%
a partir de 2 party-box



Mais informações em colruyt.lu

O consumo abusivo de álcool é prejudicial à saúde, consuma com moderação.
Válido até 17/12/2024 inclusive. Os preços podem ser ainda mais baixos nas lojas. Com Xtra.
Apresente o seu cartão Xtra na caixa do seu Colruyt ou do ponto de recolha Collect&Go. O seu desconto será deduzido automaticamente.
Ainda não Xtra? Descarregue a aplicação ou peça o seu cartão na loja e desfrute imediatamente dos seus descontos.

Gasperich ■ Mersch ■ Pommerloch ■ Sanem ■ Strassen ■ Wemperhardt

colruyt
meilleurs prix
niddregst Präisser

As melhores OFERTAS da semana

Schéi
Feierdeeg



Lichias
Madagáscar, classe 1

Le kilo

5⁹⁹

Clementinas
da Córsega
França, classe 1
Embalagem de 1 kg

4²⁹



Tomates cherry
Fairtrade

Vermelhos ou mistura
Tunísia, classe 1
Embalagem de 250 g
ou seja 7,96/kg

1⁹⁹



Bolo Rei
700 g
ou seja 13,93/kg

~~10,85~~
9⁷⁵

Preço ant. 10,85



Coq au vin
Ao balcão

O quilo ~~15,95~~
12⁷⁶
-20%

Preço ant. 15,95



NEW!
Pãozinho
de canela
95 g

Cada ~~1,90~~
1⁷⁰

Preço ant. 1,90



~~12,78~~
9⁹⁹
-20%

Preço ant. 12,78

Coelho inteiro
cortado
Lonki
Em self-service



Ervilhas
Frip
400 g
ou seja 2,38/kg

~~1,20~~
0⁹⁵
-20%

Preço ant. 1,20



Caldo em cubos
Knorr

Para marisco ou arroz
8 peças
80 g

~~1,90~~
1²⁹
-30%

Preço ant. 1,90



Maça sem ovos
Milaneza
7 variedades
2 x 500 g
ou seja 0,74 a unidade

À escolha ~~1,98~~
1⁴⁷
2^e 1/2 PREÇO

Vendido
separadamente
0,98



Atum no azeite
Bom Petisco

385 g
ou seja 15,32/kg

~~6,90~~
5⁹⁰
-15%

Preço ant. 6,90



Azeite virgem
extra
Andreza
0,75 l
ou seja 12,67/l

~~11,90~~
9⁵⁰
-20%

Preço ant. 11,90





Bacalhau inteiro de Noruega (cartão de 5 kg)

Bacalhau do Atlântico
Também vendido a granel a 15,90/kg
Pescado no Atlântico Nordeste,
Salgado e curado na Noruega

~~107,50~~
79⁵⁰

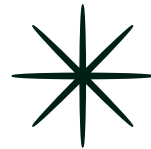
Preço ant. 94,50



Polvo de rocha fresco
Peças de 1 a 2 kg
Pescado no Atlântico Nordeste

Le kilo

16⁹⁰



Fatias de bacalhau Novos Mares
800 g
ou seja 13,69/kg

~~12,99~~
10⁹⁵
-15%

Preço ant. 12,99



Licor Beirão
22% Vol.
0,70 l
ou seja 14,27/l

~~12,20~~
9⁹⁹
-15%

Preço ant. 12,20

+50 points



Brandy Macieira
36% Vol.
1 l

~~12,20~~
10⁴⁹

Preço ant. 12,20



Moscatel do Douro Favaios
0,75 l
ou seja 6.-/l

~~4,99~~
4⁵⁰

Preço ant. 4,99

+50 points



Esporão Monte Velho
Tinto, branco ou rosé
Regional Alentejano
2 x 0,75 l
ou seja 3,90 a unidade
ou seja 5,20/l

~~11,70~~

7⁸⁰
-30% POUR
2 BOUTEILLES

Preço ant. 11,70
Vendido separadamente 5,80



Porto Velhotes Cálem
Tawny, Ruby
ou Branco
0,75 l
ou seja 7,33/l

~~6,75~~
5⁵⁰
-15%

Preço ant. de
6,75 a 6,90

+60 points



Carmim Reguengos
Reguengos / Tinto
/ DOC Alentejo
0,75 l
ou seja 3,97/l

~~3,73~~
2⁹⁸
-20%

Preço ant. 3,73

Preços válidos até 15 de dezembro 2024

Os artigos estão disponíveis nos nossos supermercados segundo as suas variedades habituais e até ao fim dos stocks. O abuso do álcool é prejudicial à saúde, saiba apreciar e consumir com moderação.
Preço ant. = preço anterior ou preço de referência mais barato dos últimos 30 dias.
NOVO = artigo recente da gama Cactus.



Descubra todas as nossas promoções e os nossos horários em www.cactus.lu



Cactus

Adilson e Vera concretizaram o sonho de Cabo Verde em Wiltz

O novo restaurante 'Nos Morna' tem um cheiro a felicidade. O casal cabo-verdiano serve com amor o seu tempero, ao som da música rainha da sua terra. Fomos a Wiltz conhecer a receita para o sucesso.

Paula Santos Ferreira

“Cabo Verde sem morna para mim é terra sem sol, sem calor, noiva sem grinalda, vitória sem glória de um povo cristão”. A canção “Nós Morna”, de Ildo Lobo, aquece o ambiente do restaurante do casal Adilson e Vera Varela, em Wiltz, batizado com o mesmo nome desta música.

No inverno, o Luxemburgo é terra sem sol, sem calor, como é Cabo Verde sem morna. Por isso, no restaurante ‘Nos Morna’, a música rainha cabo-verdiana e as coladeiras estão sempre presentes, em tom baixinho nas vozes de inúmeros artistas, entre eles Ildo Lobo, Cesária Évora, Bana ou Jorge Humberto.

Para Adilson e Vera estas melodias são um pedaço da terra natal que deixaram há mais de 20 anos. Para os clientes são o chamego extra aos pratos confeccionados, com amor e dedicação, por Adilson Varela, que finalmente está a realizar o seu sonho de vida: um restaurante seu e de homenagem a Cabo Verde.

O ‘Nos Morna’ abriu a 15 de setembro passado e os proprietários querem chegar ao sucesso com calma, passo a passo. Quem entra no estabelecimento à procura de Cabo Verde pode até ficar espantado: o espaço predominantemente branco está decorado com sobriedade, sem sinais tropicais visíveis.

Também a oferta do menu é variada, abrangendo pratos portugueses, franceses, luxemburgueses, italianos, e, claro está, cabo-verdianos.

Pratos para todos os paladares

A diversidade é prontamente explicada por Adilson Varela enquanto vai deitando o olho aos tachos do menu fixo de almoço. “Tenho formação em cozinha francesa e quise-mos ter esta variedade na ementa para agradar a todos os clientes. Porque há quem possa não apreciar a nossa gastronomia, mas queremos que seja cliente também”. Passo a passo, é feita esta conquista pelo palato e pela simpatia dos anfitriões.

Durante a semana, o ‘Nos Morna’ tem um menu fixo de almoço, enquanto os jantares são ‘à la carte’, mas tudo de inspiração europeia. Só ao fim de semana é que saem as especialidades cabo-verdianas, onde não pode faltar a cachupa ou o ‘frijinod’, espécie de guisado de miudezas do porco com papa de milho frita.



O casal Vera e Adilson Varela no seu restaurante ‘Nos Morna’, em Wiltz.

Foto: Caroline Martin



Na cozinha há variedade de carne e peixe.

É também nestes dias que o restaurante enche frequentemente com grupos, sobretudo de imigrantes conterrâneos que já conhecem o espaço e a mão certa de Adilson Varela para a cozinha. “Durante muito tempo fui cozinheiro de catering. Algumas destas pessoas conhecem-me desses eventos, outras são amigos, e toda a publicidade ao ‘Nos Morna’ tem sido feita pelo passa a palavra, de críticas felizmente positivas”, diz este cozinheiro com orgulho.

“O meu marido é o rei da cozinha. Já eu, faço só as sobremesas, entre elas as típicas da nossa terra, como a mousse de camoca, ou o pudim de queijo caseiro”, explica Vera Varela nesse dia ao final da tarde.

As refeições podem ser saboreadas ao som da música. “Já houve ocasiões em que tivemos música ao vivo nas noites de fim de semana, sempre cabo-verdiana. A nossa intenção é ter estas noites com músicas uma vez por mês. Sobretudo, quando a temperatura estiver mais quente, em que vamos aproveitar ao máximo a nossa esplanada ao ar livre”.

Entre as bebidas há sempre o grogue, aguardente típica de Cabo Verde, as caipirinhas, caipirosas e mo-

jitos. E ainda uma sangria especial feita pelo chef Adilson.

Neste início da aventura, Adilson Varela está sozinho durante a semana. É ele quem cozinha, quem atende às mesas e faz as contas. Quando a casa está mais cheia ao jantar, a mulher Vera vai ajudar na sala. “Aos fins de semana estou cá sempre a trabalhar, e por vezes o nosso filho, de 20 anos, também vem ajudar”, conta Vera Varela.

“Por enquanto, continuo no meu trabalho, nas limpezas, mas quando for preciso contratar mais uma pessoa serei eu. Passarei então a dedicar-me também ao nosso negócio”, salienta a cabo-verdiana.

Retorno ao liceu para o diploma de cozinha

Adilson Varela usa com orgulho a sua jaqueta branca com o seu nome bordado. Por baixo de Correia Adilson está escrito “cuisinier traiteur” (cozinheiro e fornecedor de serviços de catering). Para se apresentar como chef e poder ser também proprietário, o cabo-verdiano voltou ao liceu, aos 39 anos de idade. “Fui frequentar o curso de cozinheiro no Li-

O som da morna e o cheiro do tempero de Adilson aquecem a sala do 'Nos Morna'.

Foto: Caroline Martin



ceu Técnico de Bonnevoie durante três anos, para ter o diploma de aptidão profissional (DAP). Já viu voltar quase aos 40 anos para o banco da escola?”, brinca Adilson, que já é diplomado.

Ao longo da vida ativa, quase sempre na restauração, em Portugal e no Luxemburgo, Adilson Varela fez ainda formações como barman e empregado de sala. “Faltava-me a cozinha para ficar completo”.

O longo caminho para a concretização do sonho foi sinuoso. Adilson e Vera deixaram Cabo Verde, a ilha do Sal, ainda namorados, em 1998, com destino ao Luxemburgo, onde já vivia a irmã de Vera. Já os irmãos e a mãe de Adilson emigraram para Boston, nos EUA, onde ainda residem. Se não fosse por Vera, este tinha sido igualmente o destino do cabo-verdiano.

“Emigrámos para melhorar a vida e é sempre um risco. Eu arrisquei e dei-me mal na primeira estadia no Luxemburgo”, lembra Adilson, que chegou com o visto de turista para tentar depois pedir residência. Só que, quando o visto caducou, o recém-chegado foi descoberto e “convidado a deixar o Luxemburgo”.

Casamento em Portugal

Sem alternativa, Adilson foi para Portugal deixando Vera no Grão-Ducado. “Quando voltei a ter visto válido, uns meses depois, corri para o Luxemburgo para ir buscar a Vera e voltar para Portugal, até estarmos legalizados”. A vida a dois em Lisboa prolongou-se por oito anos. O cabo-verdiano começou primeiro a trabalhar nas obras e só depois passou para a restauração, setor que

nunca mais abandonou. Trabalhou em vários restaurantes, chegando a ser chefe de sala.

“Em Portugal casámo-nos, obtivemos a nacionalidade portuguesa e tivemos o nosso filho. Em 2008 decidimos então voltar para o Luxemburgo, e o desejo de ter um restaurante tornou-se mais intenso, dada a experiência profissional que tinha”, admite Adilson Varela, voltando depois à pequena cozinha pa-

ra deitar o olho ao cozinhado e apurar o tempero.

Aos 50 anos, e 26 anos depois de sair da sua ilha, o cabo-verdiano olha para a ampla sala do seu restaurante e os olhos sorriem, como que num abraço apertado à sua nova casa.

A paixão pela cozinha vem desde criança. Adilson cresceu a ver a mãe e a avó, sempre de colher de pau na mão, a mexer as iguarias. “A minha

avó era da ilha de Santiago e foi para o Sal. A vida dela no Sal era cozinhar para os trabalhadores que também eram migrantes da sua ilha. E eu, sempre que podia, estava na cozinha e fui aprendendo. Sempre gostei muito de cozinhar”, garante. Durante todos estes anos, Adilson nunca desistiu de correr atrás do seu desejo: “Finalmente, aqui estou eu, a realizar o meu sonho, e estou feliz”.





**FELIZ
NATAL**

24

ANA CRISTINA GONÇALVES, HÉLDER RODRIGUES, JOSÉ CARLOS FERREIRA
 CÁTIA GOMES, RÚBEN VIEIRA GOMES, RAFAELA FARIA, RAQUEL BARREIRA
 CARLOS LOPES, CARLOS COUTINHO, GABRIEL ALBARDEIRO, JOEL MARTINS
 EMANUEL GOTUZZO, VANESSA BORGGEA, LUISA TEIXEIRA, VITOR CARVALHO
 MANUEL MADUREIRA

JOSÉ CAMPINHO, MANUELA PEREIRA, HENRIQUE DE BURGO, SUSY MARTINS
 DIANA ALVES, SANDRO DOS SANTOS, PAOLA PEPE, ANTONELLA STASIA
 CATERINA PELLEGRINI, LIVIO DELL'ABATE, CLAUDIA SASSI, GILBERTO GAMBINI
 GIUSEPPE PUGLIESE, JENILSON VAZ, CELEIA BANDJAI, SERGIO BARRETO
 VANIRA BRANCA

LATINA.LU

91.7 | 101.2 | 103.1 FM
 MÚSICA PARA OS SEUS OUVIDOS



É uma das primeiras medidas da nova Comissão Europeia: reduzir o estatuto de proteção do lobo.

Cartoon: Florin Balaban

Os lobos estão de regresso e isso mete medo a quem?



Ricardo J. Rodrigues
Grande Repórter

Uma noite, e já lá vão mais de 20 anos, um biólogo de quem me haveria de tornar amigo levou-me a ver os lobos. Estávamos no lado transmontano da serra do Gerês, não muito longe da aldeia de Pitões das Júnias, no concelho de Montalegre. O Chico, assim se chama o meu amigo, juntou as mãos em concha e começou a uivar.

É uma técnica dos conservadores da natureza para identificar a localização e constituição das alcateias, essa de uivar. E, na verdade, não tardou muito até obtermos resposta. Um uivo, outro uivo, e mais outro. De repente, tínhamos uma dezena de lobos a responder-nos. Não os víamos, mas percebemos que estavam a não mais de 300 metros de nós.

Já passava das cinco da manhã e o sol estava quase a raiar. Voltámos ao carro, satisfeitos e afogueados. O Chico entrou logo para o assento do condutor, eu fui para o lugar do pendura. E, honestamente, aqueles 12 ou 13 segundos em que tive de contornar o carro sozinho foram dos mais longos da minha vida.

Eu sabia que havia uma alcateia ali por perto e os pelos da nuca eriçaram-se-me todos naquele momento. O Chico tinha-me dito para afugentar o medo. Os lobos não atacam humanos, desviam-se deles. Está bem, abelha. Naqueles segundos eu não queria saber de mais nada que não

fosse entrar na viatura e proteger-me, Era um medo irracional e sem sentido, mas eu senti-o todinho.

A guerra entre pastores e lobos conta milénios de história, é uma das mais antigas do mundo. Nenhum animal é capaz de convocar tamanho ódio à espécie humana. É o demónio, o guardião das portas do inferno, o animal mau que persegue a Capuchinho Vermelho ou os Três Porquinhos nas histórias infantis.

“A guerra entre pastores e lobos conta milénios de história, é uma das mais antigas do mundo.”

Os lobos atacam o gado, e é provavelmente isso que nos faz odiá-los tanto. Há outros animais que também prejudicam a economia humana, como o urso, o leão ou o tigre. Mas esses são bichos associados à ideia de força, esperteza, inteligência. O lobo, pelo contrário, continua a ser o terror dos nossos pesadelos, a pior coisa que nos podia ter acontecido.

A perseguição ao lobo nunca teve tréguas, mas o animal conseguiu ir arranjan-do maneira de sobreviver. De há uma dé-

cada para cá, aconteceu até um pequeno milagre: zonas de onde o animal estava há muito extinto voltaram a ser ocupadas pelas alcateias. Aconteceu no Luxemburgo, por exemplo, mais de 150 anos depois do último exemplar ser caçado.

O lobo é essencial aos ecossistemas saudáveis. Uma das maiores pragas que enfrentamos hoje nos nossos bosques deve-se precisamente ao desaparecimento dos predadores. Não teríamos tantos javalis, cervos ou veados se não tivéssemos perseguido os lobos até ao limite. Quando nos apercebemos do impacto do desaparecimento do bicho, criámos estatutos de proteção. E é precisamente sobre isso que quis vir aqui falar.

Há dias, o Conselho da Europa aceitou uma proposta da UE para reduzir o estatuto de proteção do *Canis lupus*. A presidente da Comissão, Ursula Von der Leyen, era uma particular apoiante da medida, sobretudo depois de um lobo ter morto o seu pónei em 2022. Fazer caça aos lobos era até aqui uma medida proibida e punível com multas. Agora, as populações do bicho ficam expostas ao abate seletivo e à caça desportiva.

As organizações que defendem os direitos dos animais não estão de acordo: dizem que não há dados que permitam analisar o excesso. Mas o medo tem destas coisas, e o interesse económico também. Tristes dias para a natureza na Europa.



Ficha Técnica

Fundado em Janeiro de 1970 /
ISSN 1027-7331

Editor

Mediahuis Luxembourg s.a.
RCS Luxembourg B.243490
31, rue de Hollerich, 1741 Luxembourg
Tel.: 4993-1 (central)

Direção

Diretor-geral: Paul Peckels

Diretor dos média portugueses: José Campinho

Direção editorial: Roland Arens

Redação

Chefe de redação:

Filipa Matias Pereira
filipa.matias@contacto.lu
Manuela Pereira
manuela.pereira@contacto.lu

Chefe de Redação-Adjunto e Grande Repórter:

Ricardo J. Rodrigues
ricardo.rodrigues@contacto.lu

Publishing Manager:

Catarina Osório
caterina.osorio@contacto.lu

Jornalistas:

Diana Alves
Henrique de Burgo
Sandro dos Santos
Susy Martins
Tiago Rodrigues

Redes Sociais:

Vitor Carmo
vitor.carmo@contacto.lu

Correspondentes:

Luís Pedro Cabral, Paula Freitas Ferreira,
Paula Santos Ferreira, Rui Miguel Tovar,
Sofia Cristino e Tomás Guerreiro

Cronistas:

Hugo Guedes, Paulo Farinha,
Raquel Ribeiro, Raúl Reis, Sérgio Ferreira Borges

Fotografias:

Arquivos Wort; António Pires, Diana Tinoco,
Guillaume Pazat, Rodrigo Cabrita,
Rui Oliveira, Valter Vinagre

Cartoon:

Florin Balaban.

Layout:

Frédéric Fis e Bernard Warken

Digital

Site: www.contacto.lu
contacto@contacto.lu

Secretariado de redação

Tel.: 4993-9019

Assinaturas

Assinatura gratuita
T.: 4993 439
csc@wort.lu

Publicidade

REGIE.LU
T.: 4993-9000
regie@wort.lu

Anúncios classificados

T.: 4993 439
classificados@contacto.lu

Dados bancários

Swift: CCPLULLL
Iban: LU50 1111 0000 1212 0000

Itres Plurimedia 2023:

32.500 leitores semanais

CIEM 2023

Tiragem média: 16.502
Difusão total: 16.341

A que sabe a alegria?



Paula Freitas Ferreira
Jornalista

O caminho era longo e íngreme, mas quando a Vera nos pediu para a acompanhar a casa da avó, qualquer plano parecia melhor do que voltar para casa depois da missa. Aos domingos, o relato de futebol que se ouvia a partir do interior dos táxis pretos e verdes parados na praça doía-me mais que os sinos a dobrar a finados. As vozes dos locutores sempre me soaram a um prenúncio de má sorte.

Nas tardes de domingo, a saudade parecia-me ainda mais torta, o sossego obrigava-me a pensar em todas as faltas, eram como a confirmação de um fim absoluto. Desconhecia que existe sempre uma nova oportunidade, a qualquer altura se pode ouvir o apito da partida. Eu era apenas uma miúda que não queria voltar para casa. Por isso, fomos.

Eu, a Vera e a minha irmã mais velha. Não me recordo do que falámos durante o caminho, que era sempre a subir, a minha posição era de irmã da amiga e também a mais nova das três, então estava sempre um passo atrás, ou um passo ao lado, ou noutra sítio qualquer dentro da minha cabeça. No

entanto, esse dia, que começou por ser apenas um golpe de estado a um domingo mortiço, haveria de me transformar.

À medida que íamos subindo o monte, rodeadas de silvas e de cobras espreitadas em buracos de muros, a cidade ia desaparecendo nas curvas que os nossos pés contornavam. O rio Douro ia ficando cada vez mais pequeno até se parecer apenas com um risco torto e apertado no fundo do vale, mas abraçado pelos socos das vinhas. Demorou um tanto, mas acabámos por chegar ao cimo do monte e à casa da avó da Vera.

Não foi a casa de pedra, pobre e desconjuntada, num tempo em que já ninguém vivia em casas assim; a moradia quase sem janelas, onde não havia eletricidade ou água corrente, nem o ferro de engomar que ainda funcionava a carvão. Aquilo que me tocou está no extremo oposto da brutalidade desse desconforto.

Durante as horas que lá ficámos, as quatro fomos conversando sobre pequenas e grandes coisas, e a avó da Vera colheu algumas laranjas de uma das ár-

vores do monte e ofereceu-as para o lanche. Sentada num degrau de pedra à porta daquela casa que parecia prestes a desmoronar, comecei a descascar a fruta. À medida que os gomos se iam desgarrando da casca e da pele branca, também dentro de mim alguma coisa se revelava.

Escrevo e estou lá: foi como se todos os meus sentidos acordassem depois de um longo e destroçado sono. O sol aquecia-me as costas da maneira certa, como o abraço de um filho, a laranja cheirava ao que devia sempre cheirar, à dádiva da terra, o silêncio do cimo do monte era tudo o que realmente importava.

Não me faltava absolutamente nada. Uma corda para saltar, uma televisão para assistir desenhos animados, uma boneca para vestir com roupa de princesa, um jogo para eu ganhar – dona absoluta da Rua Augusta. O que a avó da Vera ali tinha – e por isso só muitos anos depois e quase à força concordou em deixar o alto do monte – é tudo aquilo que andamos uma vida inteira à procura: o sabor da alegria.

Errar é humano, perdoar é peruano



Hugo Guedes
Analista financeiro

Há apenas duas semanas o ainda presidente dos EUA, Joe Biden, iniciou um discurso no relvado da Casa Branca: “Disseram-me que há aqui 2500 pessoas à procura de perdão”.

Era apenas uma piada para quebrar o gelo. A cerimónia que tinha atraído todas aquelas pessoas era o perdão anual do peru – animal que constitui a refeição tradicional do Dia de Acção de Graças naquele país, o equivalente ao bacalhau natalício. Desde o século XIX que os presidentes começaram a receber perus de presente nesta altura do ano, e a tradição de os “perdoar” publicamente (ou seja, não os comer) começou com George Bush.

A cerimónia do perdão presidencial ao casal de perus, Peach e Blossom, foi toda leve e bem-humorada, uma encenação bem ensaiada da boa velha jovialidade plácida que as instituições americanas gostam de transmitir. Mas ao terminar o discurso, Biden avisou que ia adoptar um tom mais sério. Depois de debitar platitudes sobre como a América é fantástica e incrível, etc., acrescentou uma frase que parecia inofensiva: “a família é o início, o meio e o fim”.

Havia aqui uma lúgubre mensagem escondida porque, uma curta semana mais tarde, o presidente usou o seu poder medieval de clemência para per-

doar... o próprio filho. “Uso o meu poder executivo para perdoar todas as ofensas que Hunter Biden possa ter cometido contra o país de 2014 a 2024”, dizia o texto oficial. Entre essas ofensas está a compra ilegal de uma arma, evasão fiscal, e posse de estupefacientes.

Joe Biden passou os últimos meses a negar que ia conceder um perdão presidencial ao filho. É um volte-face extraordinário para um político que durante o seu mandato presidencial – e ao longo de uma carreira de cinco décadas – sempre assegurou que nunca interferiria com o curso da justiça. Isso tinha-o tornado em referência moral do sistema, uma espécie de baluarte da antiga forma de fazer política.

Em 2020, Biden venceu as eleições, entre outros motivos, ao argumentar que Trump era alguém perigoso para a democracia precisamente por não respeitar essa independência da justiça. Trump, sendo Trump, imediatamente lhe deu razão: primeiro perdoou o pai do genro, Charles Kushner, por fuga ao fisco (já tinha antes perdoado dois capangas acusados de facilitarem a ingerência do Kremlin); em seguida tentou manter-se no poder à custa de um golpe de Estado, organizando uma invasão de “deploráveis” ao Capitólio. Pelo meio, foi impugnado duas vezes e mais tarde condenado por 34 crimes.

E depois claro, voltou a ganhar.

O perdão de Biden pai poupa a Biden filho um anito atrás das grades. Mas o preço é pagar é irresponsavelmente alto: mede-se em perda de confiança. E a confiança já estava no fundo do poço. A partir de agora, há mais uma acha para a fogueira populista de “eles são todos iguais”. O sistema político continua a falhar estrondosamente em garantir que ninguém está acima da lei – um princípio fundamental para a sobrevivência da democracia.

Talvez seja demasiado tarde para a salvar. Trump ripostou que vai perdoar “logo ao primeiro dia” todos os envolvidos no golpe para derrubar a democracia e manter-se no poder, e já deixou claro que vai dedicar o seu mandato a perseguir todos os seus adversários políticos. E ganhou, apesar disso. Ou melhor: e ganhou, POR CAUSA disso (?)

Assim se chega ao que é, afinal, o ponto mais interessante desta história. Um homem decidiu renegar os seus princípios, desperdiçar a superioridade moral e fechar com chave de latão uma longa e extremamente bem-sucedida carreira política. O que pode levar alguém a agir assim? Penso que o facto de se ter dado conta, amargamente, que as pessoas não querem saber de princípios, ou mesmo de democracia. Pois bem, já que é assim... ao menos salva-se a família. E alguns perus.

Crítica de cinema – “Heretic”

Nunca se abre a porta a ninguém

Raul Reis

Duas jovens missionárias mórmones são recebidas à porta de uma casa por um homem de uma cinquentena de anos aparentemente cortês e bem-humorado durante uma campanha de evangelização porta-a-porta.

É Hugh Grant quem interpreta o visitado, com a boa índole de um antigo símbolo sexual masculino que aparentemente é “dono de casa”. Inicia-se uma conversa, na sua sala, com as duas jovens visitantes, um duelo durante o qual, com uma habilidade retórica sem igual, o homem tenta abalar as convicções das duas arautas da palavra de Deus.



“Heretic” de Scott Beck e Bryan Woods, com Hugh Grant, Sophie Thatcher e Chloe East.

26.04.2024 – 05.01.2025

La révolution de 1974

Des rues de Lisbonne au Luxembourg

Archaeology History Art
National musée
um Fëschmaart

50 X2 DE MO CRACIA 25 DE ABRIL

LE GOUVERNEMENT DU GRAND-DUCHÉ DE LUXEMBOURG
Ministère de la Culture

cargolux

O confronto verbal, embora cortês, vai escurecendo gradualmente, sentindo-se uma ameaça surda, invisível, mas que se percebe em algumas palavras e nos trejeitos do homem.

As duas jovens visitam Reed para falar com ele sobre a Igreja dos Santos dos Últimos Dias, a sincera irmã Paxton e a mais atrevida irmã Barnes estão longe de suspeitar que o homem lhes reserva um acolhimento singular.

Enquanto a tarte de mirtilos prometida às missionárias demora a ser servida, o afável anfitrião transforma a conversa num acedo debate sobre a fé baseado na história das religiões.

É nestes momentos, na lenta e sufocante construção do suspense construído sobre a iminência de um perigo difícil de identificar, que o filme de Scott Beck e Bryan Woods se distingue das obras deste género a que estamos habituados.

“Heretic” mergulha nas próprias fontes das histórias de terror, nos contos de fadas e de monstros, oferecendo inclusivamente uma espécie de versão perversa e perturbadora de Capuchinho Vermelho, que aqui enfrenta um lobo eloquente e assassino, mas sempre sob um tema geral: a existência de Deus.

À medida que uma longa conversa sobre religião começa na casa, uma armadilha apanha as duas visitantes. Ao escolher o atraente Hugh Grant para interpretar esta personagem assustadoramente dupla, os cineastas demonstram a sua fé na ambivalência do ator britânico.

Embora “Heretic” seja o segundo filme de terror em que aparece desde “The Lair of the White Worm”, de Ken Russell, Hugh Grant tem gostado de aperfeiçoar papéis mais sombrios, ou mesmo monstruosos, nos últimos anos. E o ator britânico revela-se absolutamente delicioso na

pele de um homem culto e estudioso que é tão ‘cool’ quanto aterrador.

Levada pelas imagens belíssimas de Chung Chung-hoon, diretor de fotografia de “Old Boy” ou de “Last Night in Soho” que realçam o medo que se esconde em cada recanto da casa, a primeira parte revela-se cativante.

O filme corre o risco de cair, por vezes, numa forma de intelectualismo contraproducente e pretensioso, mas o trabalho de Scott Beck e Bryan Woods vai evitando esta armadilha oferecendo um dispositivo de terror cuja originalidade é paradoxal: aquele que consiste em regressar às fontes de um tipo de história que, no entanto, já tantas vezes vimos no cinema.

“Heretic” baseia-se aparentemente em excitantes ‘brainstorms’ nos quais Beck e Woods reuniram diversas teorias, das mais sérias às mais rebuscadas, sobre diversas crenças ao longo dos tempos. O resultado é a atmosfera perfeitamente tóxica de “Heretic”.

Repleto de símbolos religiosos e referências a textos bíblicos, cortesia da impressionante direção artística de Philip Messina, com a ajuda da criteriosa edição de Justin Li, “Heretic” só desilude no último momento. Depois de uma reflexão fascinante sobre o poder, durante a qual cada personagem deixou cair a máscara, Scott Beck e Bryan Woods acharam por bem entregar-se ao horror excessivo, fingindo seguir vários caminhos contraditórios. Felizmente, o último momento, poderoso e poético, pode ser a redenção aos olhos dos espetadores mais exigentes.

Se o filme não cumprir integralmente as promessas narrativas, ficará sempre a intensidade do trio formado por Hugh Grant, Sophie Thatcher e Chloe East, que oferecem uma dimensão sensorial única à obra.

Nani, um adeus sentido

Figura indiscutível do Euro-2016, à conta de três golos, joga e faz jogar em quatro continentes (só lhe falta África)

Rui Muiguel Tovar

Luís Carlos Almeida da Cunha. Ou Nani, para os amigos. O seu talento é colossal e disso mesmo se dá conta o treinador Aurélio Pereira, olheiro de Futre, Dani, Figo, Ronaldo, entre outros. Acontece que Nani, então juvenil, joga no Real Massamá e treina-se no Benfica.

Uyyyy, e agora? Jean Paul, um dos treinadores de formação mais conceituados da esfera leonina, vê-o em acção e fala com o treinador do Real. O resultado dessa conversa é enviar Nani para os treinos em Alcochete. Tal não sucede no imediato. Jean Paul sente-se na obrigação de voltar a Massamá e insistir junto do treinador do Real. É aí que dá conta dos treinos de Nani no Benfica. Sem problema, o interesse do Sporting mantém-se. Nani lá vai para a Academia e a sua vida muda para sempre.

É campeão nacional de juniores em 2005 com Paulo Bento (treinador), Miguel Veloso, Moutinho, Pereira mais Yannick e estreia-se oficiosamente na equipa principal num particular em Torres Vedras, a uma quarta-feira, no dia 13 Julho 2005. Entra ao intervalo para o lugar de Semedo. Lança-o Peseiro. Seria ainda com Peseiro que Nani marcaria o primeiro golo no Sporting, a 22 Setembro 2005, num particular com o Al-Hilal (2:0) em que sofre com a marcação cerrada dos campeões sauditas e também de Peseiro, que o rectificava sistematicamente. Grita-lhe várias vezes para se colocar junto à linha e abrir linhas de passes, quando este deambula mais pelo interior do relvado. Num jogo sem quarto árbitro, o treinador liberta-se e fala sem parar. Aos 82', Nani sofre uma falta dura à entrada da área. Peseiro diz alto e bom som: "É preciso tirá-lo para não o matarem?" Não, ainda não. Nani pega na bola e faz o 2-0.

A partir daqui, o céu é o limite? Nem tanto. Há um imbróglgio de empresários entre Ana Almeida e Jorge Mendes. O caso vai a tribunal. Nani considera que merece ganhar



Luís Carlos Almeida da Cunha será sempre uma estrela portuguesa.

Foto: AFP

mais do que os 11 670 euros mensais pagos pelo Sporting – o seu contrato prevê uma remuneração anual ilíquida de 56 400 euros, mas o art.º 23 refere que “caso o jogador participe em três jogos na qualidade de titular na equipa sénior ou cinco jogos oficiais, como suplente utilizado, a sua remuneração será antes de 140 040 euros”. Ou seja, quase três vezes mais

– por obra e graça de José Peseiro (primeiro) e Paulo Bento (depois).

Repetimo-nos, o seu talento é indizível. Veja-se este excerto na autobiografia de Alex Ferguson. “Fui ver pessoalmente Nani. O que me atraiu foi o seu ritmo, força e jogo aéreo. Tinha dois belos pés. Todas as qualidades individuais estavam lá, o que levava à velha questão: que tipo de rapaz é ele?

Resposta: boa índole, sossegado, sabia falar inglês razoavelmente, nunca causou qualquer problema no Sporting, gostava de treinar. Mantinha-se em forma. Era bem ginsticado. Puro material em bruto. Era imaturo, inconsistente, mas com um fantástico instinto para o futebol. Conseguia controlar a bola com qualquer dos pés, cabecear e era um poço de força física.”

É isso, Nani assina pelo United e é campeão europeu ao lado de Ronaldo, em 2008, na tal final dos penáltis vs. Chelsea, em Moscovo – aliás, só a título de curiosidade, Nani marca o seu penálti, Ronaldo falha. Adiante. Nani joga sete épocas pelo United e o seu grande dia de glória é aquele 7 Agosto 2011, quando resolve a supertaça inglesa vs. City. Veja-se bem o drama, está 2:0 para o City ao intervalo. O que faz então Ferguson? Tira os dois centrais Ferdinand mais Vidic, ambos apáticos e refilões, e substitui-os por Evans mais Jones. O City nunca mais entra na área (para alívio do guarda-redes De Gea, com culpas no cartório nos dois golos) e o United inicia um festival de bola. Smalling, lateral-direito a titular, reduz aos 52' e é Nani quem empata numa jogada fabulosa com dez toques seguidos, incluindo dois de calcanhar, na área adversária para a finalização inteligente de Nani, a colocar a bola por cima de Hart no limite da pequena área. No quarto e último minuto de acréscimos, um alívio de Kompany embate no corpo de Nani. O ressalto é favorável ao português, que corre 40 metros sozinho, com tempo para contornar Hart à entrada da área e marcar com a baliza aberta. É o 3-2. Quando lhe entregam o troféu, os altifalantes informam o MVP. Nani, pois claro. Nani Valuable Player.

NVP voltaria para o Sporting, em 2014, a título de empréstimo. Faz um ano à leão e, depois, assina pelo Fenerbahçe, onde marca um golo de livre directo na estreia. A sua marca cresce a olhos vistos e é um dos príncipes de Portugal no Euro-2016. É dele o primeiro golo na competição, vs. Islândia. É dele, um golo à Hungria. E também é dele um golo na 1/2 final, vs. Gales. Três golos, como Ronaldo. Figura maiúscula, sem dúvida alguma. Agora, aos 38 anos de idade, decide-se pelo fim da carreira, dividida por quatro continentes, entre Europa, América (Orlando City, EUA), Ásia (Adana, Turquia) e Oceania (Melbourne Victory, Austrália). Clap clap clap, aplausos.



Descubra os nossos novos artigos

automoto

A atualidade automóvel, todas as semanas, pelos nossos especialistas

O seu novo encontro semanal, a descobrir em contacto.lu e todas as quartas-feiras no Contacto. Todas as semanas, encontrará um novo artigo com as últimas novidades do sector automóvel e vídeos exclusivos de test-drives apresentados pelos nossos especialistas.

O Audi A6 e-tron apresenta uma frente elegante com uma ampla grade Singleframe fechada.

Créditos: Audi



Audi A6 e-tron estabelece novos padrões

A Audi dedicou muitos esforços à aerodinâmica do seu novo modelo “business”, com o objetivo de alcançar uma grande autonomia. Missão cumprida?

Marc Willière

A Audi sempre atribuiu grande importância à aerodinâmica. O lendário coeficiente aerodinâmico de 0,30 do Audi 100 de terceira geração, alcançado há mais de 40 anos, valeu-lhe o título de “campeão em todas as categorias”. Hoje, o A6 e-tron escreve um novo capítulo desta história de sucesso, demonstrando que, na Audi, “forma e função se unem em perfeita harmonia”.

Fiel a esta filosofia, o Audi A6 e-tron, o segundo modelo (após o Q6 e-tron) concebido na plataforma PPE desenvolvida em conjunto com a Porsche, estabelece novos padrões. Com um coeficiente aerodinâmico (Cx) de 0,21, a berlina Sportback é “a mais aerodinâmica

da história da Audi”. E com um valor de 0,24, a carrinha Avant, lançada simultaneamente, continua a ser uma das melhores do seu segmento.

Objetivos superados

Na busca pelo último milésimo, engenheiros e designers afinaram vários componentes. A frente do A6 e-tron, otimizada para a aerodinâmica inclui cortinas de ar (Air Curtains) que melhoram o fluxo ao redor das rodas dianteiras. As turbulências são reduzidas graças ao habitáculo esbelto e à linha de tejadilho que desce suavemente para a traseira. Ajustes no subchassi e nos fluxos de ar de refrigeração permitiram até mesmo superar os objetivos iniciais. É principalmente graças a isso que a Audi anuncia uma autonomia que, em alguns casos, ultra-

passa os 700 quilômetros. Mais especificamente, a berlina apresenta uma autonomia de 756 km (segundo a ficha técnica), enquanto a carrinha alcança 720 km! Na versão desportiva S6, esses números são ligeiramente inferiores: 675 km para a berlina, 647 km para a carrinha.

O desempenho aerodinâmico não compromete em nada o design dinâmico das duas versões, muito pelo contrário. Ambas as variantes cativam à primeira vista. A frente expressiva, com os seus faróis diurnos estreitos e uma grelha ampla, é harmoniosa. Os faróis principais e as entradas de ar estão quase invisivelmente integrados numa máscara escura que envolve o veículo. De perfil, os modelos Sportback e Avant aparecem esguios e dinâmicos, enquanto a traseira evoca elegância desportiva e potência.

Claro, além da sua capacidade de cortar o ar, o novo Audi reivindica também atributos “sob o capô” que merecem ser descobertos em condições reais...

Desempenho de alto nível

O A6 e-tron estreia com uma versão Performance equipada com 367 cavalos e transmissão apenas para as rodas traseiras, alcançando os 100 km/h em 5,4 segundos e uma velocidade máxima de 210 km/h. Aqueles que procuram sensações mais desportivas podem optar pelo S6 e-tron, com 503 cavalos e tração integral, permitindo atingir os 100 km/h em 3,9 segundos e uma velocidade máxima de 240 km/h.

Estas versões vêm equipadas com uma bateria de 100 kWh que, graças à tecnologia de 800 volts e uma ca-

pacidade de carregamento em corrente contínua (DC) de até 270 kW, promete paragens de carregamento bastante curtas: até 310 km de autonomia recuperados em apenas 10 minutos, e uma carga de 10 a 80% em apenas 21 minutos. Se o posto de carregamento funcionar a 400 volts, a bateria pode até dividir-se em dois módulos, podendo ser carregados em paralelo.

O A6/S6 também melhora a recuperação de energia. Além da regeneração ajustável em dois níveis através de patilhas no volante, o carro pode navegar em modo de roda livre. E a posição “B” permite uma condução antecipada sem usar o pedal de travão, algo particularmente apreciado em tráfego intenso.

Interior espaçoso e tecnologia avançada

Medindo 4,93 metros de comprimento com uma distância entre eixos de 2,95 metros, o A6 e-tron oferece um habitáculo espaçoso e de alta qualidade, complementado por um ecrã panorâmico OLED com design curvado. A bateria, posicionada plana sob o piso, liberta um espaço generoso para os passageiros das duas filas. A bagageira tem uma capacidade de 502 litros, extensível a 1.330 litros (Sportback) quando os bancos traseiros são rebatidos, e até 1.422 litros na carrinha Avant, com um piso de carga totalmente plano.



Jogar agora

É Natal antes do tempo com **automoto & mycar.lu**

Ganhe umas férias exclusivas e sente-se ao volante deste BMW Z4 disponibilizado pela DEAL&DRIVE



Comércio & Classificados

Necrologia



“Embora você não esteja mais entre nós, seu amor e sua luz continuarão a viver em nossos corações. Sentiremos sua falta, mas guardaremos com carinho todas as memórias lindas que compartilhamos. Descanse em paz”.

Albertina Pereira Martins

Uma missa será celebrada em sua memória dia 15 de dezembro 2024, na igreja de Diekirch, às 08:30 horas.
A família enlutada.

BERTRAND
Novos monumentos funerários
Manutenção e restauração | Câmara funerária | Decorações e inscrições

1, RUE H. TUDOR, MUNSBACH
CONTACT@BERTRAND.LU
+352 350 119-1 | BERTRAND.LU

NOITES E SÁBADOS ABERTOS MEDIANTE MARCAÇÃO

Marbrerie HARY

DESDE 1918

- Concepção e instalação de pedras em jazigos e campas
- Construção de campas em 24 horas
- Projectos e orçamentos grátis
- Grande exposição

Foetz tel. 55 20 02-1
Luxembourg tel. 48 67 49
Wasserbillig tel. 74 01 40

www.hary.lu

Emprego

procura

Pintor profissional procura trabalho.
Tel: 691 429 427

Diversos

Multi-serviços CamiãoLift,Mudanças, Montagem/Móveis, Reciclagem, Limpezas, Jardinagem/Fotografia/Eventos/Aluguer-Auto/Carrinhas/ligue-nos/+352661157783

Preencho a sua declaração de imposto. Contabilidade de Emp. Tel. 621 784 756

Técnico satélite MEO & NOS
Avarias, Mudança de residência, Novos clientes GSM: +352 621520476
Online ID 122456

nohelleflux.lu - Appui scolaire T. 691523763
Online ID 122288

Imobiliário

venda

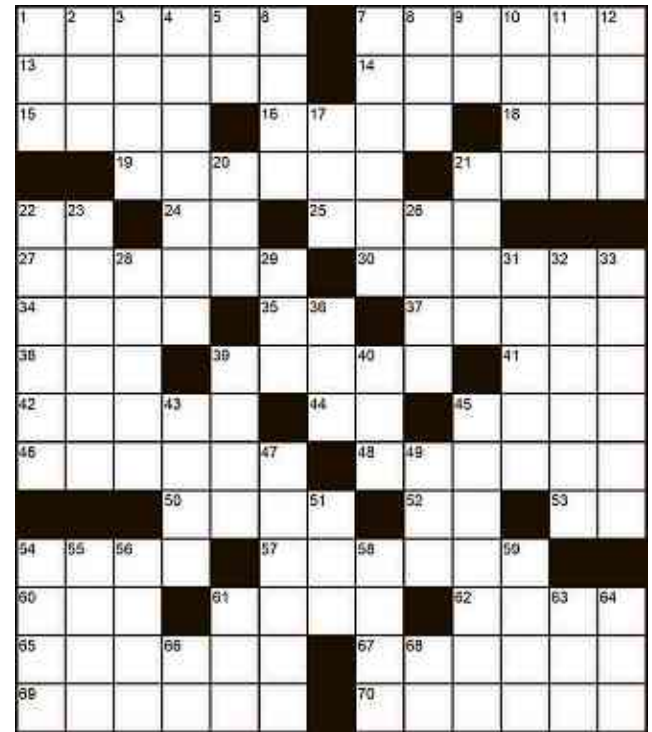
Oportunidade única em Ettelbruck! Vende-se casa individual, terreno 10 ares, 3 quartos, cave, garagem, salão, cozinha equipada, 2 casas de banho, sótão, varandas e um jardim para completar esta bela propriedade. Disponível de imediato, localização muito calma. T. 621701762 Bom preço: 749.000.- €

Ajude as pessoas com Autismo

BGLLLULL
LU56 0030 8811 4127 0000

Obrigado pelo seu donativo

Palavras cruzadas



HORIZONTAIS: 1- (...) Veríssimo, gere um banco no Luxemburgo e quer empoderar a comunidade lusa. 7- Tornar amigo. 13- Afastar. 14- Déspota. 15- Por o. 16- De preço elevado. 18- Sinal gráfico que serve para nasalizar a vogal a que se sobrepõe. 19- Utensílio de lavoura. 21- Regaço. 22- Antes de Cristo (abrev.). 24- União Europeia (sigla). 25- Juízo. 27- É defendida pelo guarda-redes. 30- Escassear. 34- Escavar. 35- A mim. 37- Jogada (Desporto). 38- Redução de Internet. 39- Conjunto de bancos de um país. 41- Possui. 42- Acerta. 44- Germânico (s. q.). 45- Trindade. 46- Acabamento. 48- Muro baixo. 50- Propriedades. 52- Letra grega correspondente a n. 53- Érbio (s. q.). 54- Fragmento de louça quebrada. 57- Relativo ao lírio. 60- Argola. 61- Tem medo de. 62- O lado afiado de um instrumento cortante. 65- Fruto tropical da papaieira. 67- Produzir um efeito. 69- Aromatizar. 70- Marinha de guerra.

VERTICAIS: 1- Transportes Aéreos Portugueses. 2- Nome da letra M. 3- Ave de migração, columbina. 4- Passar por uma sucessão gradual de transformações. 5- No caso de. 6- Grande caixa com tampa plana. 7- Puxar para si. 8- Voz do gato. 9- Seguir até. 10- Bichano. 11- Índigo. 12- Cilindro. 17- Suspiros. 20- Barrete mourisco. 21- Enrubescer. 22- Afiançar. 23- Moca. 26- Compartimento. 28- A língua falada pelos antigos Romanos. 29- Adora. 31- No meio de. 32- Admita. 33- Ruminar. 36- Engenheiro (abrev.). 39- Vai de encontro a. 40- Dez vezes dez. 43- Planta crucífera de raiz carnuda,

branca, arredondada ou pontiaguda. 45- Escolha. 47- Envolver. 49- Juntei. 51- Anuência. 54- Cobertura. 55- Lavar. 56- Pequeno vaso sem asa, pelo qual se bebe. 58- Fêmea do leão. 59- Esconderijo de animais. 61- Mulher celibatária (pop.). 63- Madeira (abrev.). 64- Época. 66- Antes do meio-dia. 68- Presidente da República (abrev.).

Paulo Freixinho

Palavras cruzadas

Soluções de 4 de dezembro

HORIZONTAIS: 1- NEVE. 5- POIS. 9- MAS. 12- ALAR. 13- CIMO. 14- AZO. 15- SELAR. 17- ROMARIA. 19- AVE. 20- AIA. 22- FIAR. 23- LA. 24- LIVRARIA. 27- VAZA. 28- LOA. 29- MI. 31- CRER. 33- IMERGIR. 35- RUI. 36- LAVAR. 38- UMA. 39- IMATURO. 41- PIOR. 42- AO. 43- ETA. 44- SAIA. 46- ANARQUIA. 48- PS. 50- VASO. 52- UFA. 53- CIA. 54- INTRUSO. 57- REZAR. 59- VIR. 60- SITE. 62- NADA. 63- ELO. 64- AMAR. 65- ORAR.

VERTICAIS: 1- NASAL. 2- ELEVA. 3- VALE. 4- ERA. 5- PC. 6- OIRAR. 7- IMO. 8- SOM. 9- MARIA. 10- AZIA. 11- SOAR. 16- RAIZ. 18- AFIAR. 21- IVA. 24- LAR. 25- ALMA. 26- ROER. 27- VEIA. 29- MIMO. 30- IRAR. 31- CRIA. 32- RUMO. 33- IVO. 34- GUIA. 36- LUTA. 37- ARAR. 40- TENOR. 41- PIA. 44- SUF. 45- AIAR. 46- ASTRO. 47- QUOTA. 48- PIADA. 49- SARAR. 50- VIVE. 51- ANIL. 53- CZAR. 55- USA. 56- SIM. 58- ENO. 61- ER.

Sudoku

				9			2	
7				3		5	6	
		1		8	4	9		
	4				7	8		
	3	6			4			
2			8		5		4	
			7		5			6
				1	2		7	9
	8						3	

(solução na próxima semana)

Solução de 4 de dezembro

Como se joga: Preencha um quadrado de 9x9 (grelha de jogo) com números de 1 a 9, sem os repetir em cada linha e coluna. Também não se podem repetir os números em cada quadrado (ou subgrelha) de 3x3.

9	2	3	1	6	8	4	5	7
4	7	1	3	5	2	6	9	8
6	8	5	4	9	7	1	3	2
2	4	7	8	1	3	5	6	9
8	1	9	6	2	5	7	4	3
3	5	6	9	7	4	2	8	1
7	3	8	5	4	1	9	2	6
5	9	2	7	8	6	3	1	4
1	6	4	2	3	9	8	7	5

Reportagens exclusivas todas as semanas.

(+352) 49 93 1
contacto@contacto.lu
www.contacto.lu



X-MAS

Um mundo cheio de presentes!

SHOPPING

ABERTO
A TARDE

DOMINGO

15

Dezembro



Alvisse **möbel**



Z. I. Am Bann L-3372 Leudelange Tel. (+352) 2637371 Seg. à sex. 10-19 h Sáb. 9 - 18 h www.alvisse.lu

